

Crítica // Os rejeitados ★★★★★

Um estranho sem ninho

Castigos, paternidade e generosidade são os temas do filme dirigido por Alexander Payne, um dos possíveis indicados ao Oscar

Ricardo Daehn

Duros aprendizados estão na rota dos alunos que cumprem o ano letivo capitaneado pelo temido professor Paul Hunham, um papel sob medida para o pasma-ceiro espírito do sempre irônico Paul Giamatti. Com esperada indicação ao Oscar de melhor ator, em mais um filme do afiado diretor de *Sideways*, Alexander Payne, que, ao contrário do feito com os reconhecidos *As confissões de Schmidt*, *Eleição* e *Os descendentes*, larga a mão de participar do roteiro, a cargo apenas de David Hamingson. Com definições que equiparam a vida à escada de galinheiro, o professor segue intolerante, à risca, repassando preceitos da tradição da escola do século 18, nada transigente na formação dos alunos como “jovens de bom caráter”.

Extremamente calcado no cancionário natalino norte-americano — em que despontam *Silent night*, *Carol of the drum* e *God rest you merry, gentlemen* —, o desenvolvimento do longa parece amansar o coração descompassado do mestre (com propensão alcoólatra) que, por inércia, se vê destacado como tutor (nas férias) dos rapazes sem

FOCUS FEATURES/DIVULGAÇÃO



Ótimos atores dominam a cena no longa *Os rejeitados*

responsáveis para o período. Rabugento, Giamatti adota um ar debochado, ao estilo de Richard Dreyfuss (celebrado em filmes como *Mr. Holland: adorável professor*). Hunham bebe, tem flatulação, celebra terrenos e costumes de terras (desinteressantes, aos olhos da classe) como a Antuérpia, a Turquia — enquanto, em nada, poupado pelos jovens, é apelidado de zarlho, “maluco fedido” e afins.

Ao administrar a trajetória de personagens perdedores, o diretor Alexander Payne confirma sua vocação ao inesperado. No convívio, momentâneo, com colegas mais velhos, os pequenos Ollerman (Ian Dolly) e Ye-Joon (Jim Kaplan), por exemplo, são

apresentados a ideias exóticas como a de que “amigos são superestimados”. Junto a questões caras à cultura americana, do porte das consequências da Guerra do Vietnã, o filme se aprofunda na construção de dois tipos: a gerente de cantina Mary (a excelente Da’Vine Joy Randolph, premiada como o Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante) e o rebelde aluno Angus Tully (Dominic Sessa). Dona de heresias menores como a de fumar à mesa, Mary guarda dores muito profundas e parece superar uma carga de depressão que ameaça ainda Tully.

Situado em 1970, com uma arrebatadora fotografia assinada pelo dinamarquês Eigil Bryld (de obras como

House of cards e *Na mira do chefe*), *Os rejeitados* versa sobre castigos, paternidade e generosidade. Professor de história antiga, o protagonista (dono de ideias fixas como a de que sexo é “99% fricção e 1% boa vontade”) usa métodos inenarráveis como o de associar libertinagem ao curso e repeteco de fatos?! Mesmo nas mais corriqueiras ações como a de dividir biscoitos numa mesa permeada pelo espírito de Natal ou de presentear amigos, na sublime interpretação de Giamatti, o professor espalha constrangimento. Nada mais coerente para o amalucado filme que, na trilha sonora, acolhe clássicos como *Desejaria que minha mãe se casasse com Papai Noel*.